

LEMBRANÇAS DE FILOMENA: UMA MIRADA BIOGRÁFICA SOBRE A PRIMEIRA NORMALISTA DE CODÓ– MARANHÃO (1908-1953)

Maria Alda Pinto Soares

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4174972043221372>

Maria do Amparo Borges Ferro

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo

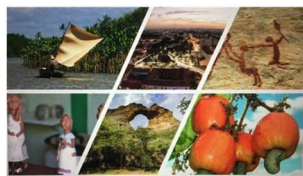
Professora titular da Universidade Federal do Piauí

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8212833454967440>

RESUMO

No presente artigo, aborda-se a trajetória profissional de Filomena Catarina Moreira, apontada pela História da Educação de Codó, no Estado do Maranhão, como a primeira professora normalista da cidade, exercendo o magistério inicialmente na Escola Mista César Brandão e depois no Grupo Escolar Colares Moreira, onde foi a primeira diretora e instruiu toda uma geração de codoenses que passou a ocupar importantes cargos na vida pública da cidade e do estado. Busca-se assim, analisar seus saberes e fazeres e os desafios pelos quais passara durante o exercício do magistério, tendo em vista que, era uma mulher de origem humilde, não pertencente à família de elite e era negra, fatores incomuns para uma professora no período (1908 a 1935), uma vez que, a instrução reservava diferentes perspectivas entre e/ou para mulheres. Nessa investigação, passeia-se pela História da Educação de Codó, numa abordagem sobre as primeiras iniciativas de instrução escolar do município e o processo de feminização do magistério. Para isso, foi realizado um levantamento documental na Biblioteca Pública do Estado do Maranhão (Biblioteca Benedito Leite) e levantamento bibliográfico em livros, jornais e registros de inspeção; visita à Unidade Integrada Colares Moreira no município de Codó e entrevistas. As fontes foram catalogadas e analisadas observando as temáticas “mulheres e professoras de Codó”, com destaque para as que mencionavam a professora aqui biografada. Como resultado traçou-se uma biografia de Filomena apresentando características de sua vida pessoal e profissional e concluiu-se que tornar-se professora é um processo histórico, e, fazer-se professora dentro de uma sociedade assentada em preconceitos é ainda mais desafiador.

Palavras-Chave: Filomena. Professora. História da Educação.



MEMORIES OF FILOMENA: A BIOGRAPHICAL LOOK ON THE FIRST NORMALIST OF CODÓ- MARANHÃO (1908-1953)

ABSTRACT

In this article, we discuss the professional trajectory of Filomena Catarina Moreira, pointed out by the History of Education of Codó in the State of Maranhão, as the first normalista teacher of the city, initially teaching at the César Brandão Mixed School and later at the Colares School Group Moreira, where she was the first director and instructed an entire generation of Codoans who have taken up important positions in public life in the city and state. The aim was to analyze her knowledge and skills and the challenges she faced during the teaching profession, considering that she was a woman of humble origin, not belonging to the elite family and black, unusual factors for a teacher in the classroom. (1908 to 1953), since the instruction had different perspectives between and / or for women. In this research, we go through Codó's History of Education, in an approach about the first educational initiatives of the municipality and the process of feminization of the teaching profession. For that, a documentary survey was carried out in the Public Library of the State of Maranhão (Benedito Leite Library) and bibliographical survey in books, newspapers and inspection records; visit to the Colares Moreira Integrated Unit in the municipality of Codó and interviews. The sources were cataloged and analyzed observing the themes "women and teachers of Codó", with emphasis on those that mentioned the teacher here biografada. As a result a biography of Filomena was traced presenting characteristics of her personal and professional life and it was concluded that to become a teacher is a historical process, and to become a teacher within a society based on prejudices is even more challenging.

Keywords: Filomena. Teacher. History of Education.

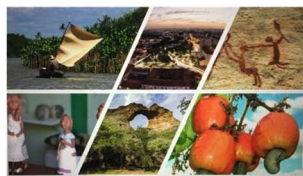
LEMBRANZAS DE FILOMENA: UNA MIRADA BIOGRÁFICA SOBRE LA PRIMERA NORMALISTA DE CODÓ- MARANHÃO (1908-1953) RESUMEN

En el presente artículo se aborda la trayectoria profesional de Filomena Catarina Moreira, apuntada por la Historia de la Educación de Codó en el Estado de Maranhão, como la primera profesora normalista de la ciudad, ejerciendo el magisterio inicialmente en la Escuela Mixta César Brandão y luego en el Grupo Escolar Collares Moreira, donde fue la primera directora e instruyó a toda una generación de codoenses que pasaron a ocupar importantes cargos en la vida pública de la ciudad y del estado. Se busca así, analizar sus saberes y hacer y los desafíos por los que había pasado durante el ejercicio del magisterio, teniendo en vista que, era una mujer de origen humilde, no perteneciente a la familia de élite y era negra, factores inusuales para una profesora en (1908 a 1935), ya que la instrucción reservaba diferentes perspectivas entre y / o para mujeres. En esa investigación, se paseaba por la Historia de la Educación de Codó, en un abordaje sobre las primeras iniciativas de instrucción escolar del municipio y el proceso de

Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina,

Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019, ISBN: **2675-1496**

DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i1.9184>



feminización del magisterio. Para ello, se realizó un levantamiento documental en la Biblioteca Pública del Estado de Maranhão (Biblioteca Benedito Leite) y levantamiento bibliográfico en libros, periódicos y registros de inspección; visita a la Unidad Integrada Colares Moreira en el municipio de Codó y entrevistas. Las fuentes fueron catalogadas y analizadas observando las temáticas "mujeres y profesoras de Codó", con destaque para las que mencionaban a la profesora aquí biografiada. Como resultado se trazó una biografía de Filomena presentando características de su vida personal y profesional y concluyó que convertirse en profesora es un proceso histórico, y, hacerse profesora dentro de una sociedad asentada en prejuicios es aún más desafiante.

Palabras clave: Filomena. Maestro. Historia de la Educación.

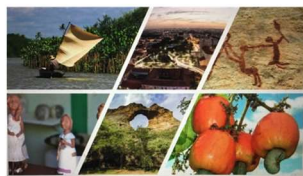
INTRODUÇÃO

As primeiras investigações sobre a história e memória da educação codoense, no ano de 2013, permitiram inquietações e anseios numa busca contínua pelas histórias e memórias da educação do município de Codó-Maranhão. Os silêncios eram perturbadores de modo que a percepção de tais ausências tornou-se a mola propulsora para a busca pela pesquisa, uma vez que, a inexistência de registros históricos têm afetado a memória local. Seja em pesquisas escolares secundaristas ocasionadas comumente por celebração ao aniversário da cidade ou em investigações de graduação e pós-graduações sobre a história do município.

Na investigação historiográfica, “as memórias (e os silêncios) podem funcionar como obstáculos epistemológicos, mas também podem atuar como acicate problematizador da própria investigação histórica” (CATROGA, 2001, p.46).

Assim, após comumente ouvir "não há nada escrito", "não há o quê se pesquisar", "não há onde se pesquisar", seria mais fácil, e inclusive recomendado por muitos sujeitos interrogados, partir para outras áreas e fontes. No entanto, foram estas lacunas, silêncios e/ou omissões que passaram a conduzir novas inquietações e consequentemente, descobertas fortalecidas pela vontade de fazer pesquisa, descobrir fontes, encontrar sujeitos e buscar suas memórias e vozes.

Ressalta-se que, academicamente, este trabalho justifica-se por se apresentar dentro de uma abordagem bastante em evidência nas últimas décadas no Brasil; a discussão sobre História



e Memória, trazendo à tona saberes e fazeres de professoras que tem sido muito aceito nos programas de pós-graduações tanto na área da Educação, como na área da História, exatamente por reconhecer que a partir da Nova História Cultural, os novos objetos, abordagens, metodologias, têm levado pesquisadores a se debruçarem por sujeitos negligenciados pela historiografia, como as mulheres. A ampliação do conceito de fontes históricas, também tem feito o olhar do historiador se voltar para variados indícios, a exemplo de diários, cadernos de anotações, fontes orais, como instrumentos importantes de se conhecer histórias, dar dizi/visibilidade a histórias locais, reconhecendo-as como relevantes e parte importante da historiografia.

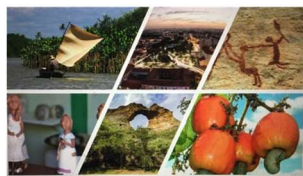
Partindo deste pressuposto, o presente artigo tem como objetivo investigar a trajetória de Filomena Catarina Moreira, compondo uma biografia da mesma no período de 1908 a 1953, isto é, do seu início de carreira como professora normalista até o ano de seu falecimento; identificando suas contribuições enquanto mulher/professora que possam dar dizi/visibilidade sobre o protagonismo feminino na educação codoense.

Para isso, a metodologia deste trabalho compôs-se de um levantamento documental no acervo de periódicos da Biblioteca Pública do Estado do Maranhão (Biblioteca Benedito Leite); levantamento bibliográfico em livros, jornais e registros de inspeção; visita à Unidade Integrada Colares Moreira no município de Codó, local de atuação profissional de Filomena Catarina Moreira e; entrevistas semiestruturadas com o escritor codoense João Batista Machado (2013) e o professor Carlos Gomes (2013).

Acreditando que cada mulher professora tem sua peculiaridade no fazer educacional que reflete a necessidade de um momento e do seu lugar (Motta, 2008), almeja-se compreender, através da trajetória de Filomena, a realidade social na qual viveu e as implicações desta em sua vida pessoal e profissional, de modo que tais informações ajudem a interpretar construções de histórias e memórias tidas a respeito da professora.

O Protagonismo feminino na educação codoense

O discurso republicano do início do século XX ao pensar em organizar a sociedade partindo do preparo do lar e relacionando a maternidade com o progresso e o patriotismo, não

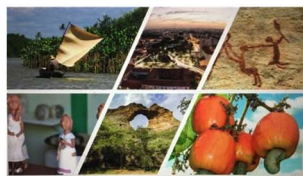


somente atribuiu às mulheres um papel mais significativo na sociedade, como também permitiu um passo para o seu ingresso na vida pública, ocasionado pela profissão que elas agora podiam ter; profissão que passou a ser considerada ao longo do tempo como feminina por excelência: o magistério. Mulheres com o “dom” de educar uma vez “honradas” em seus lares poderiam também ajudar a nação sendo professoras. E deste modo, tornou-se crescente o número de mulheres ingressantes no magistério. Para Matos e Borelli (2013):

O magistério [...] seduzia as jovens por proporcionar um ganho financeiro, mas também por conta do aprimoramento intelectual, acenando com as possibilidades de um maior *status* social e de aceitação em funções públicas e ambientes intelectualizados. Algumas, depois de formadas, exerceriam a profissão por toda a vida, enquanto outras a abandonariam em função do casamento ou da maternidade. O magistério foi considerado adequado às mulheres por poder ser um trabalho de “meio período”, permitindo concatenar a atividade profissional com as obrigações do lar (MATOS, BORELLI, 2013, p.137).

Lecionar, portanto, consistia em uma atividade oportuna às mulheres, tanto para que as mesmas pudessem ter acesso ao capital econômico quanto intelectual/cultural. Para algumas, o magistério tornou-se um preparatório para o casamento dotando-a de habilidades admiradas pela então sociedade republicana. Para outras – incluindo aqui o sujeito desta pesquisa – abriu possibilidades de uma profissão que lhes renderia, ao longo da vida, uma ocupação para além dos afazeres domésticos, considerada de grande prestígio social para o gênero.

O protagonismo feminino na educação codoense revelou-se numa investigação realizada à procura de sujeitos para esta pesquisa, ora manifestados nos materiais/fontes catalogados, ora observados nos nomes dados às escolas e ruas da cidade enquanto homenagens às mulheres professoras que tiveram destaque na “arte de ensinar”, como são assinalados, frutos do fenômeno de feminização do magistério que ocorrera em todo país através do discurso republicano propagado no início do século XX.



A trajetória traçada à procura de sujeitos para esta pesquisa apresentou nomes destacados na história da educação codoense; nomes estes indicados por colegas professores ou apresentados no livro “Codoenses & Não Codoenses”¹, ainda não publicado, do professor

Carlos Gomes da Silva. Eis algumas destas mulheres – considerando o pioneirismo – da história de Codó que se destacaram na arte de ensinar: Filomena Catarina Moreira, Mariquinha Alvim d’Aguiar Silva, Maria José Siqueira. As irmãs Maria Alice Machado e Nair Machado. Maria Elisa Machado Veras, Neyde Magalhães, Carmem Palácio Lago, Clinaura Freitas, Luiza D’Ily Alencar de Oliveira, Eva Gomes, Almerinda Bayma, Maria Evarista de Sousa Barros, Maria de Jesus Silveira Siqueira, Maria Judith Dias Salazar e Maria Conceição Damasceno Veras.

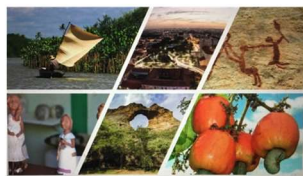
Ao analisar os jornais que circularam na cidade de Codó, a exemplo do “Correio do Codó (1916)” e “A Escola (1918)”, é possível a coleta de informações sobre o início da instrução escolar neste município, com destaque, inicialmente, para duas escolas em regime de externato, sendo eles, o Externato Christino Cruz e o Externato Codoense, ambas dirigidos por pessoas do sexo masculino. O primeiro, pelo professor Petronilho Mota e o segundo, pelos professores Elisabetho Carvalho, Fernando Carvalho e o professor José Maria Leal de Macedo. No entanto, as informações também nos dão conta de quatro escolas dirigidas por mulheres, a saber, o Colégio Santa Rita, dirigido por Maria Dorothea dos Santos, a Escola Mista Estadual sob a regência da professora Ercília Assis, a Escola Mista Municipal sob a direção da professora Maria das Dores Vidigal e por fim, a Escola Mista Estadual dirigida pela professora Filomena Catarina Moreira.

Nas escolas mistas estaduais como também na municipal, eram as professoras normalistas as responsáveis pela educação de crianças, o que retoma a afirmação de que o professorado codoense tinha uma presença marcante das mulheres. No entanto, a maioria delas não eram codoenses e sim pertencentes à capital São Luís e de outras cidades da redondeza, principalmente, de Caxias. Algumas permaneciam na cidade até serem removidas para a capital

¹ O professor Carlos Gomes da Silva escreveu os livros “Codoenses e Não-Codoenses” e “Escritos Avulsos”. Ambos são constituídos de biografias sobre pessoas que viveram ou atuaram na cidade de Codó, sejam elas destacadas ou anônimas. No entanto, ainda não conseguiu realizar a publicação destes. Os conteúdos dos livros Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina,

Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019, ISBN: **2675-1496**

DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i1.9184>



ou suas cidades de origem. Outras firmavam casamentos com membros de família de elite da cidade e ali permaneciam.

Deste grupo, uma professora nos chama maior atenção. Trata-se de Filomena Catarina Moreira, a primeira mulher codoense a se formar em professora normalista. De origem humilde,

podem ser acessados no Blog do Acélio, na internet, em “Páginas De Codó” através do link: <http://www.blogdoacelio.com.br/01/?s=P%C3%81GINAS+DE+COD%C3%93&x=0&y=0>

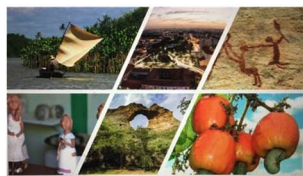
não pertencia a nenhuma família de elite codoense e era negra, fatores incomuns para uma professora no período, uma vez que, a instrução reservava diferentes perspectivas entre e/ou para mulheres brancas e negras.

Para as mulheres negras, a instrução escolar não era vista como virtude do *bello sexo*, pois, dentro de um contexto marcado por preconceitos a mulher negra era vista de modo estigmatizado, onde suas potencialidades eram anuladas e silenciadas pela sociedade e instituições e assim, “desde muito cedo, a população negra, e a mulher negra em particular, teve maiores dificuldades em integrar o quadro educacional” (NEPOMUCENO, 2013, p.389).

Sem as mesmas oportunidades, "essas mulheres [negras] valeram-se dos trabalhos ligados à cozinha, à venda de salgados e doces nas ruas e lavagens de roupas. Serviram também como empregadas domésticas” (NEPOMUCENO, 2013, p. 386). Ainda que com diplomas em mãos, conquistados arduamente, não desfrutavam do mesmo reconhecimento, nem eram consideradas adequadas para integrarem o quadro educacional público e, uma vez, impossibilitadas de atuar pelo Estado, acabavam ministrando apenas aulas particulares.

Porém, a falta de reconhecimento de sua intelectualidade também se estendia quando as mesmas ofereciam serviços de instrução particulares, inviabilizando as mesmas de continuarem a exercer o magistério devido à falta de confiança e consequente ausência de alunos.

Todavia, constata-se na educação codoense o protagonismo de uma mulher e professora negra, que dentro de um entendimento de que a leitura historiográfica tem de dar vida ao que já não existe (CATROGA, 2001) desperta interesse especial para uma pesquisa sobre sua história



enquanto sujeito mulher que demarcou um espaço e contribuiu com suas táticas e saberes (MOTTA, 2008).

Uma mirada biográfica de Filomena Catarina Moreira

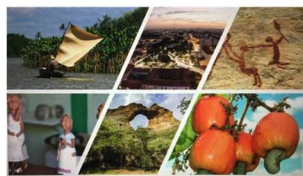
Embora, antes do ano de 1908, a instrução escolar na cidade de Codó já fosse um assunto comentado e reivindicado através dos periódicos de cunho político, ou que ainda não se descarte a possibilidade de que já ocorresse no âmbito privado de algumas famílias mais abastadas, realizadas pelos próprios pais, a história da educação de Codó apresenta como sua primeira normalista, a professora Filomena Catarina Moreira.

Nascida em 25 de novembro de 1886, dois anos antes da abolição da escravatura, Filomena tem uma trajetória, no mínimo intrigante, para os pesquisadores em História, em especial, para os historiadores da educação e para a memória da população codoense. Imbuídas por essa curiosidade, buscou-se traçar a vida e trajetória desta professora, numa mirada biográfica constituída a partir das fontes encontradas.

Fala-se de mirada, pois, tem-se o objetivo de conhecer e sistematizar a biografia de Filomena, mas ainda peregrina-se atrás de fontes devido à temporalidade pesquisada e a ausência de um *corpus* documental e arquivos públicos disponíveis no município de Codó. Trabalha-se assim, como substratos sociais de memórias a respeito dessa normalista, a fim de que seu protagonismo esteja escrito no tempo, construindo um olhar retrospectivo sobre sua trajetória, buscando conexões com as lembranças e memórias já reveladas sobre a mesma e construindo uma interpretação sobre sua história de vida.

Como nos afirma Bordieu (2006) em “Ilusão biográfica” quando se propõe em “falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, [...] é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (Bordieu, 2006, p. 183). Compartilha-se de tal afirmação para lembrar e/ou conhecer Filomena.

FIGURA 1: FOTO



Filomena Catarina Moreira



FONTE: Revista Leia Hoje, 2000, p.51.

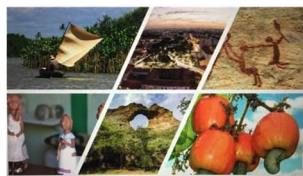
Natural de Codó, Filomena foi criada sozinha por sua mãe Carolina Moreira e depois se despediu de sua cidade em busca de instrução. Há rumores de que um tio-avô a ajudou financeiramente em sua estadia na capital São Luís e a existência de uma carta recomendando certa quantia para ajudar nas despesas, mas à carta não se conseguiu ter acesso.

Sabe-se, através de documentos considerados oficiais que, Filomena teve sua formação pela Escola Normal do Estado do Maranhão, com diploma expedido em 27 de janeiro de 1907 por Antônio Batista Barbosa, diretor da época e que diplomada, retomou à Codó – recentemente elevada à categoria cidade (12 anos) – em 1908, com vinte e dois anos de idade.

O currículo do curso normal frequentado por ela abrangia as disciplinas de Ginástica, Língua Portuguesa, Língua Francesa, Oceanografia, Música, Geografia, Caligrafia, Contografia, Prendas Femininas, História Universal, Aritmética, Geometria, Pedagogia,

Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades. CAEDU/UFPI Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019, ISBN: 2675-1496

DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i1.9184>



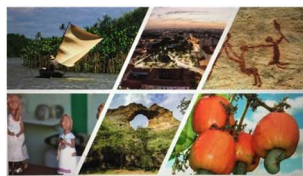
Desenho, Física, Álgebra, Literatura, Cartografia, História Natural, História do Maranhão, Química, Geologia, Instrução Cívica e História da América. Dentre as boas notas da aluna em todas as disciplinas, destacava-se com notas máximas nas disciplinas de Música, Cartografia, Instrução Cívica e Prendas Femininas. Suas notas evidenciam uma progressão nos estudos e que para Machado (1999) seguramente conseguira com dificuldade pela sua diferença racial e social. A constatação de Machado (1999) das situações árduas e desafiadoras pelas quais Filomena tenha passado enquanto frequentou o curso normal em São Luís, se estendia a outras mulheres negras que “ousavam” ocupar as cadeiras escolares.

Rodrigues (2011) examina que, nem a cor das mulheres era colocada em suas fichas de matrículas institucionais, como uma maneira de invisibilizá-las num momento onde havia um silêncio na historiografia sobre a questão da pessoa negra. Somada à isso, havia uma grande dificuldade de acesso da mulher negra nos espaços escolares e um forte movimento de mestiçagem concomitante ao mito de democracia racial. Para a autora:

Nessa perspectiva, não seria necessário discriminar a cor, porque todos eram brasileiros. As normalistas negras e não negras eram “apenas” mulheres brasileiras, sem indicação de cor, situação social, orientação religiosa. Contudo, sabe-se que ao não nomear as especificidades do sujeito, infere-se suas características com base no modelo socialmente definido como próprio ao indivíduo a quem cabe o espaço. Outrossim, sabe-se igualmente que, naquele contexto, o perfil socialmente instituído da professora “plasmadora da nação” era de mulheres brancas e de classe média (RODRIGUES, 2011, p.110).

Neste cenário, um dos caminhos para a superação de preconceitos e elevação da própria autoestima das alunas normalistas negras era tentar vencer as pressões do cotidiano através da dedicação aos estudos e a elevação de suas notas. Assim, Filomena Moreira foi reconhecida como uma mulher negra, de destacada inteligência, que em “pleno contexto recém-liberto da escravidão, foi capaz de estudar, tornar-se professora [...] trata-se de um fenômeno raro para a sua época” (MACHADO, 1999, p.159).

A primeira escola onde atuou foi sua própria residência situada à Rua Antônio Alexandre, 1560, ao lado da igreja Matriz, onde morava com os seus alunos. Na época, por sua dimensão e por possuir grandes compartimentos e um quintal produtivo com frutas, animais e plantas medicinais, a escola era chamada de “Casarão”, mais tarde denominada de Escola Mista



César Brandão ou Escola Mista de Codó. Suas aulas contemplavam os conteúdos de Português, Matemática, Estudos Sociais, Prendas Femininas, Educação Física, Desenho.

Morar com os alunos era uma situação bastante comum nessa época, pois,

A escola deste período pode ser caracterizada como uma instituição que transitava entre a continuidade do ambiente doméstico e a consagração de um modelo institucional que substituiu o papel desempenhado pela família na função de transmissão dos saberes. No tocante ao espaço físico, essas escolas se instituíam nas residências dos professores, na maioria das vezes sem um mobiliário específico para o desenvolvimento do ensino. As escolas se diferenciavam de alguma forma da realidade conhecida pelo aluno em seu espaço familiar, devido aos seguintes fatores: existência de espaço determinado para o ensino; contato com uma rotina específica destinada à promoção da aprendizagem, que privilegiava o agrupamento de alunos de diferentes casas reunidos em espaço comum; aplicação de regras de convivência e uma rotina de estudo; além do emprego consciente de um método de instrução, por um indivíduo de alguma forma credenciado para a administração do ensino (CRUZ, 2009, p.111).

No famoso casarão, Cimódoce Ferreira, ex- aluno de Filomena em depoimento ao livro de João Machado, diz que ela “criava muitas crianças do interior que vinham para a sua casa estudar”, era uma pessoa honesta e trabalhadora. “Ela cuidava dos alunos como filhos, levava para casa, dava almoço, dava banho. Filomena era muito inteligente, muito competente [...] Os alunos ela chamava de meus filhos”².

O escritor João Batista Machado, em entrevista no ano de 2013, relata que a professora Filomena era muito carinhosa e que lembrava perfeitamente das vezes em que, quando criança, ficara sentado em seu colo, ouvindo suas canções e instruções.

O Casarão hoje encontra-se deserto, mas sob a responsabilidade de sua afilhada, Maria de Lourdes Siqueira (que foi aluna de Catarina), para quem “no casarão ora deserto continuará essa memória e tradição sócio-educativa-cultural” (MACHADO, 1999, p.164).

No ano de 1934, o casarão deixou de ser escola, pois era inaugurado na cidade o Grupo Escolar Colares Moreira, para onde os alunos foram transferidos e no qual Filomena Catarina foi professora, regendo o 5º Ano, e primeira diretora, mantendo-se nesse cargo, até a data de sua aposentadoria, em 10 de junho de 1935, como consta na imagem na ata de inauguração do grupo escolar lavrada pela própria Filomena, em seguida.

² MACHADO, João Batista. Entrevista citada.

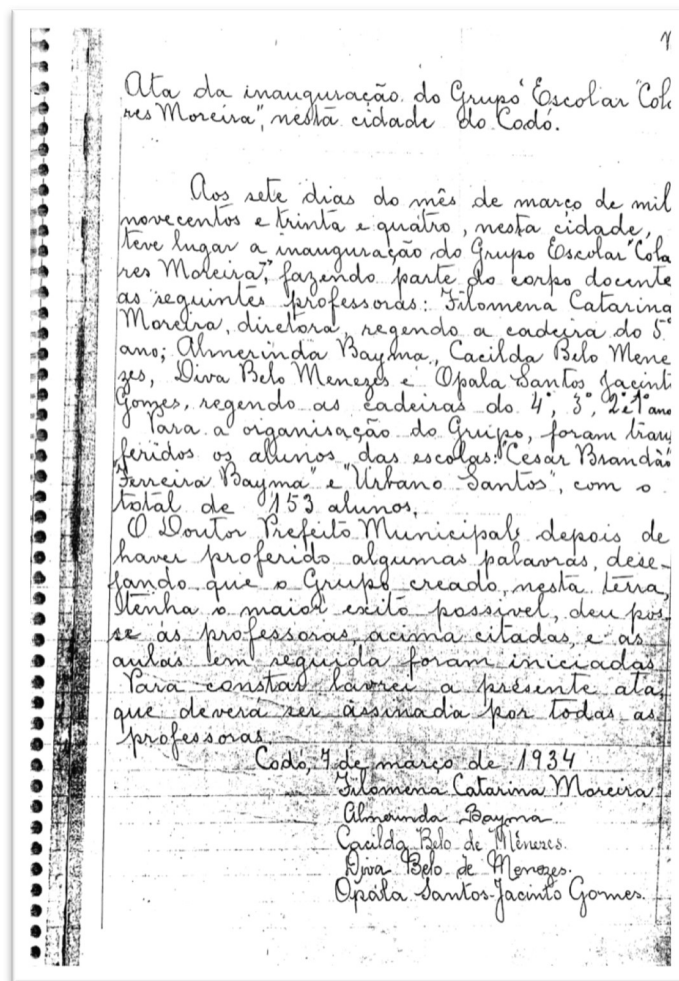
Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019, ISBN: **2675-1496**

DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i1.9184>



FIGURA 2: DOCUMENTO

Ata de inauguração do Grupo Escolar Colares Moreira

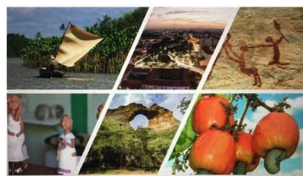


FONTE: Grupo Escolar Colares Moreira (1934).

Na ata acima, percebe-se mais uma vez um contingente feminino no corpo docente e ainda, a existência de mais duas escolas codoenses, a Escola Ferreira Bayma e a Escola Urbano Santos.

Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019, ISBN: **2675-1496**

DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i1.9184>

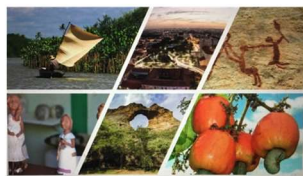


Outro momento registrado em ata do Grupo Escolar Colares Moreira, que evidencia a participação da professora ora objeto deste estudo, foi a inauguração da Biblioteca Dr. Antônio Bayma, núcleo do mesmo grupo escolar. O nome da biblioteca foi escolhido pela professora Filomena, como uma forma de homenagear o então prefeito municipal da capitania do estado do Maranhão. Nome este, “acolhido com simpatia, como uma justa homenagem ao dr. Antônio Bayma, codoense ilustre, amigo de sua terra [...]” (Ata do Grupo Escolar Colares Moreira, 1934).

As memórias sobre a professora Filomena ajudam a traçar um perfil dessa normalista, a quem muitos, intitulam mesmo de educadora, pois, sua conduta moral e seu trato com os alunos eram evidenciados em todos os ambientes nos quais ela circulava.

Para José Rosa, Catarina era “abolicionista do regime da palmatória e formou grande parte da mocidade de Codó” (MACHADO, 1999, p.162). O posicionamento da professora em relação à palmatória nos permite refletir que este castigo não se justificava no ato de educar, principalmente, porque Filomena sabendo da história do povo negro e dos sofrimentos por eles passados não aceitava atos de violência, sobretudo, com crianças. Mesmo sendo referência na cidade para “dar jeito” às crianças que lhe eram encaminhadas, Catarina, de acordo com as informações coletadas, não utilizava castigos e palmatórias, mas o diálogo, o respeito e moral conquistado junto a seus alunos para educá-los. Segundo o cônego José Ribamar Carvalho³, exaluno de Filomena e um dos primeiros dirigentes da Universidade Federal do Maranhão, “a dona Filomena era competente e tinha força moral” (MACHADO, 1999, p.159).

Filomena também dedicava um lugar especial para a música, tocava bandolim, entoava canções da época (SOARES, 2013). “Ela era bem grandona, muito competente, sabia música, tocava bandolim”⁴ e, segundo o professor Carlos Gomes (*Apud* LEIA HOJE, 2000) “alimentava harmonia no clima adequado para preparar as pessoas para a vida”. A professora Filomena Moreira, segundo Carlos Gomes, “educou com os princípios de seu tempo”, num processo de formação que visava à consciência da dignidade pessoal, responsabilidade pelas atitudes socialmente assumidas, compromisso com princípios éticos, preocupação com o ser próprio e com o outro.



³ O cônego José de Ribamar Carvalho nasceu em Codó, em 06 de agosto de 1923. Fez parte do primeiro Conselho Diretor da Fundação Universidade do Maranhão, atual UFMA. Em sua gestão (1968-1972) enquanto Reitor da Universidade foi inaugurada a primeira unidade do Campus do Bacanga, o prédio 'Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco'. BIOGRAFIA DE JOSÉ RIBAMAR CARVALHO. Disponível em: <http://joaopecegueirodias.blogspot.com.br/2011/11/voce-sabia.html> Acessado em 12.08.2015.

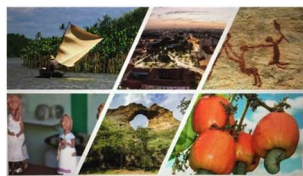
⁴ MACHADO, João Batista. Entrevista citada.

Apesar dos elogios acima citados sobre a pessoa de Filomena, Machado (1999) denuncia o preconceito sofrido pela professora, velado na imagem pública, mas, sentido nas relações do cotidiano e, mais tarde, evidenciado no seu polêmico processo de aposentadoria, permitindo dúvidas do tratamento afetivo que a sociedade codoense tivera com uma professora negra.

A imagem de querida professora e os elogios de competente, formadora de gerações, professora emérita, entre tantos outros destinados à pessoa de Catarina, entra em conflito com os fatos por ocasião de sua aposentadoria numa sociedade ainda assentada em preconceitos. Se ainda hoje há tanta discussão sobre o empoderamento feminino, em especial da mulher negra, e a luta contra o preconceito racial, isto era mais forte há apenas três décadas depois da abolição da escravatura.

Sobre este fato, nos conta Machado (1999):

A aposentadoria da 1ª professora diplomada de Codó não se dá sem conflitos. Ela não se aposenta por tempo integral de serviços. Faltavam seis meses para completar o tempo regulamentar, pressões do cotidiano levam-na a pedir o afastamento de seu cargo que se tornara insuportável. Ouvimos “conversa” a esse respeito, mas não o suficiente para discernir fatos concretos. Minha curiosidade natural em ouvir conversa dos adultos, dava-me acesso a informações dessa natureza, mesmo sem apreensão do pleno contexto, em que essas informações se situavam. O que é certo é que a mesma sociedade que reconhece sua competência na qualidade de professora, educadora, formadora de gerações, ao mesmo tempo essa sociedade não a tratou, ao longo de sua carreira, com os méritos de uma mestra emérita. É bom lembrar nessa análise o contexto, o tempo que marcava a sociedade brasileira, no momento em que uma mulher, de origem africana assume uma posição sócio- cultural relevante, numa pequena cidade do estado [...], no pós-abolição [...] ficaram marcas histórico-culturais, expressas a nível de diferenciação no tratamento desigual entre pessoas. Essas diferenciações ainda hoje são estabelecidas hierárquica e socialmente a partir de critérios que correspondem a hegemonia ditada pelo ocidente, na qual pessoas originárias de civilizações negras e indígenas não ascendem normalmente na escala de consideração pública, no plano social, político, econômico, educacional (MACHADO, 1999, p. 162-163).



Em entrevista, o escritor João Batista Machado também nos conta sobre a aposentadoria de Filomena. Afirmar que: “Ela se aposentou antes do tempo porque havia uma professora aqui em Codó que queria o lugar, queria ser diretora; ‘aí’ obrigaram a Filomena a se aposentar. Ela se aposentou como inválida, não foi por tempo de serviço”³. Assim, em 10 de junho de 1935,

em conformidade com a lei nº 1.265 de 09 de abril de 1926, Filomena é aposentada com vinte e nove anos e seis meses de serviço público. Seus vencimentos corresponderam neste momento a Rs 2.900\$400 (dois contos, novecentos mil e quatrocentos réis).

No entanto, observa-se informações contraditórias no que diz respeito ao tempo de serviço de Filomena, uma vez que, diplomada em 1907 e com início de carreira em 1908, totalizaria até o ano de sua aposentadoria (1935) vinte e sete anos de magistério e não vinte e nove anos e meio, como consta no livro de Machado (1990). Fato que deixa espaço para mais pesquisas.

Porém, nota-se que com apenas um ano e três meses após assumir a diretoria do Grupo Escolar Colares Moreira, uma aposentadoria antes dos trinta anos de serviço público e ainda, por invalidez, sem apresentar qualquer traço de necessidade especial ou problemas de saúde que necessitassem dessa modalidade de aposentadoria reflete o tratamento preconceituoso a ela direcionado.

Filomena faleceu dezoito anos depois, no dia 13 de julho de 1953. Quase um ano após o recebimento de sua primeira homenagem pública.

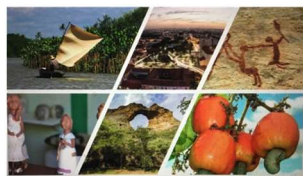
Homenagens públicas à Filomena Catarina Moreira

O nome de Filomena Moreira na História da Educação Codoense tornou-se conhecido nos dias de hoje através de quatro homenagens públicas dadas à ela, que foram em ordem cronológica: a inauguração de seu retrato no Grupo Escolar Colares Moreira (1952), a criação

³ MACHADO, João Batista. Entrevista citada.

Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019, ISBN: **2675-1496**

DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i1.9184>

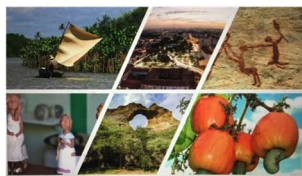


de uma escola que leva o seu nome (1984), um capítulo do livro Codó, Histórias do Fundo do Baú (1999) e a criação da Comenda Filomena Catarina Moreira (2003), sendo estas três últimas de memórias póstumas.

Sobre a sessão solene da inauguração do retrato da professora Filomena Moreira, está abaixo escrita na íntegra a Ata deste evento realizado no ano de 1952, na gestão da diretora Maria Alice Machado. Este documento consta nos manuscritos existentes no Grupo Escolar Colares Moreira.

Ata da sessão solene da inauguração do retrato da professora Filomena Moreira

“Aos 24 dias do mês de agosto do ano de 1952, no auditório do Grupo “Colares Moreira”, em solene sessão, foi inaugurado o retrato da primeira normalista que a esta cidade de Codó chegou, em 1908, a professora Filomena Catarina Moreira. Inaugurando o retrato de Filomena Moreira quiseram, a Diretora e professoras do Grupo “Colares Moreira”: Maria Alice Machado, Geny Dualilibe Murad, Elza Nascimento, Raimunda Isabel da Costa Torres e Teresa Torres Costa, prestar uma significativa homenagem àquela, que, trabalhando pela criação do 1º Grupo Escolar de Codó, que é o “Colares Moreira, foi também a sua primeira e dedicada diretora. D. Filomena aqui chegando, dedicou-se, inteiramente, com abnegação, a difundir o ensino nesta terra, com inteligência e boa vontade ao lado de uma vida exemplar, cheia de belas virtudes. A esta justa homenagem, associaram-se os ex- alunos em número bem elevado, dos quais, a maioria, ocupa cargos de destaque em âmbito nacional, estadual, social e religioso. Dentre os seus ex-alunos há, no momento, Senador da República, Deputado Federal, Médicos, Engenheiros, Bacharel, Padres, Religiosa, Professoras normalistas, concursados, comerciantes, artistas e mães exemplares. Todos reconhecem o trabalho de sua primeira professora e guardam da vida escolar a seu lado, uma saudosa recordação. O programa desta solenidade que chamamos- Honra ao Mérito- constou do seguinte: I- Oração oficial- do erudito professor Fernando Barbosa de Carvalho; II- Descerrar da cortina do retrato, pelo coronel Sebastião Archer da Silva, nosso prezado e velho amigo de todos os tempos; III- Dramatização do ato- por duas ex alunas do “Colares Moreira”, senhoritas: Osmarina Frazão e Bernadete Primo; IV- Discurso da Diretora do Grupo “Colares Moreira”, professora Maria Alice Machado; V- Agradecimento da homenageada, por seu exaluno Padre Oton Salazar; VI- Encerramento da sessão – com o hino “Colares Moreira”, cantado pelos alunos atuais do estabelecimento. VII- Discurso da homenageada- professora Filomena Catarina Moreira. E, para constar, eu Geny Murad, professora da 4ª série do Grupo referido, lavrei esta que deverá ser lida, e depois assinada pelas pessoas presentes (Ata da inauguração do retrato, 1952, Grupo Escolar Colares Moreira).



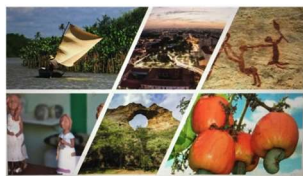
Nesta sessão se fizeram presentes: a homenageada, o ex-governador do Maranhão, Sebastião Archer da Silva; a diretora do grupo escolar na época, Maria Alice Machado; o professor Fernando Barbosa Carvalho; as professoras Maria Coelho Barbosa Carvalho, Raimunda Isabel da Costa Lima, Teresa de Jesus Torres Costa, Elza Nascimento e Silva, Geny Duailibe Murad e muitos de seus ex-alunos e alunas.

O retrato de Filomena Catarina Moreira, inaugurado em agosto de 1952, continua exposto na sala da diretoria da Unidade Integrada Colares Moreira - assim hoje denominada a escola - entre outros retratos e documentos que constituem fontes históricas da educação codoense. Uma réplica sua está exposto na escola que carrega o seu nome e, ainda, é a mesma foto apresentada na Figura 1 deste artigo, reproduzida na Revista Leia Hoje (2000). Até o presente momento, é desconhecida qualquer outra foto de Filomena.

A segunda homenagem feita a Filomena Catarina da qual se tem conhecimento foi a criação da Escola Filomena Catarina Moreira no ano de 1984, pelo então prefeito da cidade, Antônio Joaquim Araújo Filho e foi inaugurada no dia 1º de maio. Com trinta e três anos de existência, a escola permanece pequena e oferta o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano. A escola desconhece a história de Filomena e embora sustente em sua fachada o nome da professora, tem apenas a sua placa de inauguração e uma fotografia sua na sala da diretoria.

Entre tantos outros motivos, a ausência de informações e o desconhecimento de quem foi Filomena, é uma das razões que justifica a presente pesquisa, uma vez que, entende-se ser esta professora parte da memória urbana (Le Goff, 2003) de Codó e ainda, componente considerável de uma memória coletivo-comunitária da e sobre a história da educação codoense.

Sua trajetória pessoal e profissional, por sua vez, ligadas a comportamentos e mentalidades de uma época, possibilita uma compreensão sobre uma história mais ampla do município em questão, de modo que, como assinalou Halbwachs (1990) a memória



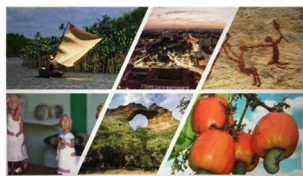
coletiva contempla as memórias individuais, fazendo com que cada sujeito seja parte de uma história geral.

Assim, numa constituição biográfica da professora Filomena, pesquisa-se para além da compreensão da história de vida de uma única pessoa, mas, para uma coletividade de trajetórias, incluindo também, a própria identidade de quem recorda e o desenvolver da noção de memória e tempo histórico.

Tendo por base a coletividade de trajetórias, é que, no ano de 1999, o escritor codoense João Batista Machado, lançou o livro “Codó, Histórias do Fundo do Baú”; e dentre as pessoas ilustres de nossa cidade - como ele costumava dizer - traz a história de Filomena em oito páginas do seu livro, contada por Maria de Lourdes Siqueira, antropóloga, filha de Albertina Moreira (irmã de Filomena) que aqui chegou em 1908 juntamente com Filomena. Maria de Lourdes Siqueira conviveu diretamente com a professora Catarina, conheceu o dia a dia desta professora e foi diretamente influenciada e educada por ela. Lourdes é a responsável pelo casarão onde morou com Filomena.

Em 08 de outubro de 2003 no governo do prefeito Ricardo Archer, foi criada a Lei Nº 1.319 que dispõe sobre a criação de comendas do município de Codó – Maranhão, “para condecorar personalidades que se destacaram ou que venham a se destacar por relevantes serviços prestados” ao município (Art. 1º.). As comendas criadas pela presente lei foram Rosalina Araújo Zaidan, para empresários; Clodomir Teixeira Millet, para políticos; Fausto dos Santos, para esportistas e desportistas; Babaçu, para autoridade civis, militares, eclesiásticas, servidores públicos dentre outros e; a Comenda Filomena Catarina Moreira destinada a professores e outras pessoas ligadas ao magistério e cultura, codoenses ou não codoenses. Ainda segundo a Lei Nº 1.319, as pessoas que vierem a ser agraciadas com as referidas comendas serão criteriosamente selecionadas por comissão (Art. 2º.) e as comendas poderão ser também concedidas como homenagens póstumas (Art. 3º.).

Aproximando-se das considerações finais deste artigo, faz-se necessário atentar para um fator perceptível na história educacional de Codó e das demais cidades do



interior do Maranhão até o século XIX, que é o fato do exercício do magistério funcionar, muitas vezes, como um estágio para as professoras, onde estas, recém-formadas se deslocavam para adquirir experiência e dependendo de sua atuação, prestígio e apadrinhamento político alcançariam a remoção para a capital ou cidades maiores.

Assim, Codó recebeu por muito tempo, muitas professoras que para cá vieram, mostraram serviços e logo foram removidas para as suas cidades de origem ou mais próximas destas. Filomena Catarina Moreira lecionou toda a sua vida em Codó. Não sabemos se isso se deu por escolha – por ser sua cidade natal – ou pela falta de oportunidades para seguir carreira na capital do estado. Para Machado (1999):

A história mostrará que uma professora-normalista numa cidade do interior tem o dom e a competência de contribuir com o desenvolvimento da sociedade, em dimensões mais amplas, através de gerações que a sucedem, e mantendo o espírito das lições aprendidas e colocadas em serviço de um mundo mais digno, mais justo, mais humano e mais igualitário com direitos de cidadania e felicidade para todos os seres humanos (MACHADO, 1999, p. 164). A vida pessoal e profissional de Filomena apresenta-se árdua e até o momento se busca documentos que tragam mais dados sobre isto, no entanto, parte-se da compreensão de que ocupar um lugar na sociedade e principalmente ser professora, numa nação que recentemente passara pela abolição da escravatura, não era uma tarefa fácil. O que temos é a informação de que, apesar dos acontecimentos, Filomena descansava ao som do bandolim e das canções que aprendeu com a sua mãe Carolina Moreira (Dona Mocinha), que lhe criou sozinha, superando os desafios e sempre que possível, instruindo nas normas cultas àqueles que lhes eram confiados.

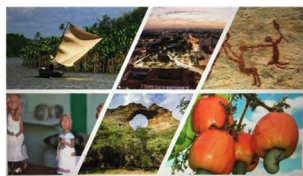
CONCLUSÃO

O caminho de investigação trilhado em busca dos saberes e fazeres de uma professora codoense, nos apresentou inicialmente informações importantes sobre as instituições escolares no município de Codó, pioneiras na instrução escolar da cidade e

Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI

Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019

DOI:

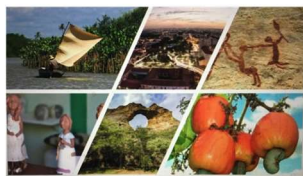


sobre o corpo docente, sobretudo, composto por mulheres professoras, que a exemplo do restante do país, ocupavam as regências das salas primárias.

No escopo de uma mirada biográfica de Filomena não oferecemos uma história completa, mas aquilo que pode ser interpretado através de documentos e memórias sociais sobre a mesma (Halbwachs, 1990). Entende-se que a pesquisa com histórias de vida abre espaços para falar-ouvir, ler e escrever experiências que descortinam possibilidades que não estão necessariamente estruturadas no tempo, mas nas representações construídas dos e nos sujeitos e que deve ser realizada com cautela, pois trata-se do outro, de suas vivências, de sua imagem e representação, subjetividade e também saberes.

Ao pesquisar sobre a vida e trajetória de Filomena Catarina Moreira, analisou-se a contribuição desta para a educação da cidade de Codó, a partir dos relatos obtidos graças à História Oral e aos documentos pertencentes aos arquivos escolares, que têm constituídos importantes fontes históricas de pesquisa para a história da educação e para a organização de biografias acerca de professores, uma vez que os estudos referentes às vidas dos docentes podem ajudar a ver esse indivíduo e suas relações com a história do seu tempo.

A vida e a profissão docente de Filomena ocupavam simultaneamente os mesmos lugares, pois, percebeu-se ao longo da organização desta pesquisa que a professora em questão não separava a vida pessoal da profissional. Sua presença na história da educação codoense, pelas fontes consultadas, evidencia uma mulher negra que, ao mesmo tempo em que, parecia viver um “papel feminino” consoante à época desafiava outros padrões, isto é, o de estar à frente de uma sala de aula e mesmo de uma instituição escolar, quando sua intelectualidade era posta em xeque duas vezes: por ser mulher e por ser negra. E apesar dos conflitos sociais, Filomena inaugura possibilidades para as demais mulheres negras codoenses e para a emancipação feminina de modo geral, enfatizando que, com o fruto do seu trabalho podia sustentar a si e àqueles a quem mantinha em sua casa, sem



ajuda de dotes e/ou heranças, pois, era de família humilde, ou de um casamento, uma vez que não se casou.

A figura desta educadora pode traduzir e significar variados aspectos quanto ao tratamento dado à mulher negra no território, não somente codoense, mas brasileiro. Sua história de vida sugere análises em diversas temáticas: biografias, gênero e questão racial, democracia racial, solidão da mulher negra, professorado, entre outros, desde que sejam encontradas fontes para isso, o que tem sido um desafio constante devido ao recorte temporal.

Constata-se nos fragmentos que coletamos sobre a biografia de Filomena, que tornar-se professora é um processo histórico, e, fazer-se professora dentro de uma sociedade assentada em preconceitos é ainda mais desafiador. Diante disso, faz-se necessária a compreensão das experiências passadas para a interpretação do contexto histórico no qual a professora viveu.

Por fim, considera-se que este trabalho abrirá possibilidades de ampliação das pesquisas sobre histórias locais, servindo de fonte e motivação para outras pesquisas. Continua-se em busca.

REFERÊNCIAS

1. FONTES IMPRESSAS

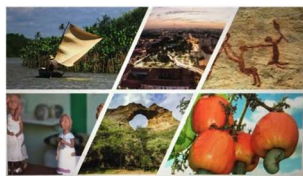
a) Artigos em jornais e revistas

BIOGRAFIA DE JOSÉ RIBAMAR CARVALHO. Disponível em:
<http://joaopecegueirodias.blogspot.com.br/2011/11/voce-sabia.html>. Acessado em 12.08.2015.

CRUZ, Mariléia dos Santos. *A Educação dos negros na sociedade escravista do Maranhão provincial*. Revista Outros tempos/Dossiê Escravidão. Volume 6, número 8, dezembro de 2009

Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI
Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019

DOI:



LEIA HOJE, Revista. *Enciclopédia do Maranhão- Codó*. Ano VI- Nº 49- Ano 2000.

MOTTA, Diomar das Graças. *Mulheres professoras maranhenses: memória de um silêncio*. Revista Educação & Linguagem. Ano 11, Nº 18. Págs. 123-135, Jul-Dez, 2008.

SOARES, Maria Alda Pinto. *Análise de 1940-1970: Espaços e Desafios das mulheres construtoras da educação no município de Codó- MA*. Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2013. Disponível em:

<http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=514>. Acessado em 12.08.2015.

b) Atas

ATA, *inauguração do Grupo Escolar Colares Moreira*, 07 de março de 1934. Codó, Maranhão.

_____. *Sessão solene da inauguração do retrato da professora Filomena Moreira*, 24 de agosto de 1952. Codó, Maranhão.

c) Monografias, dissertações e teses

RODRIGUES, Fernanda Lopes. *A invisibilidade da mulher negra maranhense no estudo sobre a formação da professora na Escola Normal Pública em São Luís (1930/1945)*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Educação, São Luís, 2011.

SOARES, Maria Alda Pinto. *Pelas Mãos Femininas: Memórias da Educação Codoense (1950-1980)*. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Licenciatura em Ciências Humanas com Habilitação em História, 2015.

d) Jornais

JORNAL A ESCOLA. Janeiro de 1918. Jornal Escolar. Ano 1. Nº 1. Acervo de periódicos da Biblioteca Pública Benedito Leite.

JORNAL CORREIO DO CODÓ. Janeiro de 1916. Ano IV. Nº 16. Acervo de periódicos da Biblioteca Pública Benedito Leite.

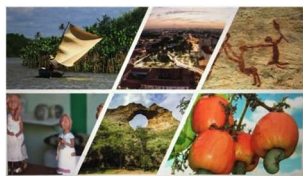
e) Leis e decretos

CODÓ-MA. LEI Nº 1.319, de 08 de outubro de 2003. *Dispõe sobre a Criação de Comendas do Município de Codó Maranhão e dá outras providências*. Publicado em 08 de outubro de 2003. Disponível em: www.camaradecodo.ma.gov.br.

Revista *Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI

Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 13-35, janeiro/abril de 2019

DOI:



2. FONTES ORAIS

2.1- Entrevistas

MACHADO, João Batista. Entrevista concedida a Maria Alda Pinto Soares. Codó – MA. Dezembro, 2013.

SILVA, Carlos Gomes da. Entrevista concedida a Maria Alda Pinto Soares. Codó – MA. Maio. 2013.

3. BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. 1.ed. Coleção Opúsculos. Coimbra-Portugal: Quarteto Editora, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*. In: História e memória. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.

MACHADO, João Batista. *Codó, histórias do fundo do baú*. FACT/ UEMA, 1999. 298 p.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço Feminino no mercado produtivo. In: PINSKY. Carla Bassanezi. PEDRO. Joana Maria (Org.). In: *Nova História das mulheres no Brasil*. 1ª Ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo Ignorado. In: PINSKY. Carla Bassanezi. PEDRO. Joana Maria. In: *Nova História das mulheres no Brasil*. 1ª Ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.

.